

Para John Keats
Cujo Nome Foi Escrito na Eternidade

«Poderá Deus jogar um jogo significativo com a sua própria criatura? Poderá algum criador, ainda que limitado, jogar um jogo significativo com a sua própria criatura?»

— NORBERT WIENER, *God and Golem, Inc.*

«Não poderá haver seres superiores divertidos com alguma atitude graciosa, ainda que instintiva, à qual a minha mente possa entregar-se, da mesma forma que eu me divirto com a vigilância de um arminho ou a ansiedade de um veado? Embora uma luta nas ruas seja coisa detestável, as energias nela demonstradas são admiráveis... Para um ser superior, os nossos raciocínios podem assumir o mesmo tom — ainda que erróneos, poderão ser admiráveis. É precisamente nisso que consiste a poesia.»

— JOHN KEATS, numa carta ao irmão

«A imaginação pode ser comparada ao sonho de Adão — despertou e viu que era verdade.»

— JOHN KEATS, numa carta a um amigo

Parte Um

Um

No dia em que a armada partiu para a guerra, no último dia da vida tal como a conhecíamos, fui convidado para uma festa. Havia festas por todo o lado, nessa noite, em mais de cento e cinquenta mundos da Rede, mas *aquela* era a única festa que interessava.

Indiquei a minha aceitação por meio da esfera de dados, verifiquei se o meu melhor casaco formal estava limpo, demorei o meu tempo a tomar banho, a barbear-me, a vestir-me com uma atenção meticulosa, e usei o disco de utilização única no *chip* do convite para me teleportar de Esperance para o Centro Tau Ceti à hora marcada.

Anoitecia nesse hemisfério de TC², e uma luz baixa e densa iluminava as colinas e vales do Parque dos Cervos, as torres cinzentas do Complexo Administrativo distante a sul, os salgueiros-chorões e os fetos-fogosos radiantes nas margens do rio Tétis, e as colunas brancas da Casa do Governo. Eram aos milhares os convidados que iam chegando, mas as equipas de segurança recebiam cada um de nós, comparavam os códigos nos nossos convites com os padrões de ADN, e indicavam-nos o bar e o *buffet* com um gesto gracioso do braço.

— H. Joseph Severn? — confirmou o guia, educadamente.

— Sim — menti. Era agora o meu nome, mas nunca seria a minha identidade.

— A diretora-executiva Gladstone ainda gostaria de falar consigo mais tarde. Será notificado quando ela tiver disponibilidade para o receber.

— Muito bem.

— Se desejar comer ou beber alguma coisa que não se encontre à vista, ou algum tipo de entretenimento diferente, basta dizer o que pretende em voz alta e os monitores do recinto tratarão disso.

Assenti com um aceno e um sorriso e deixei o guia para trás. Mal tinha dado uma dúzia de passos e ele já se virara para os convidados seguintes que desciam da plataforma do terminex.

Da colina baixa onde me encontrava, via vários milhares de convidados a conviver em centenas de hectares de relvados cuidados, muitos a deambular entre florestas de topiária. Acima da vasta extensão relvada onde eu estava, já ensombrada pelas árvores ao longo do rio, ficavam os jardins formais, e, além deles, a estrutura imponente da Casa do Governo. Uma banda tocava no pátio distante e altifalantes ocultos faziam chegar o som aos cantos mais remotos do Parque dos Cervos. Uma fila constante de VEM descia, numa espiral, do teleportal muito acima de nós. Fiquei alguns segundos a ver os passageiros, nas suas indumentárias brilhantes, desembarcarem na plataforma para pedestres perto do terminex. Estava fascinado com a variedade de aeronaves; a luz do final da tarde refletia-se não apenas na carroçaria de naves Vikken e Altz e Sumatso, mas também nos conveses rococó de barcas de levitação e nos cascos metálicos de antigos deslizadores, que já eram pitorescos quando a Velha Terra ainda existia.

Desci vagarosamente o longo declive suave até ao rio Tétis, passando pela doca onde uma variedade incrível de embarcações fluviais deixava os seus passageiros. O Tétis era o único rio que abrangia toda a Rede, correndo através de teleportais permanentes por várias secções de mais de duzentos mundos e luas, e aqueles que viviam nas suas margens contavam-se entre os mais ricos da Hegemonia. Os veículos que se viam no rio eram prova disso mesmo: grandes cruzadores ameaçados, barcas carregadas de velas e barcas de cinco níveis, muitas com indícios de estarem equipadas com equipamento de levitação; casas-barco elaboradas, obviamente dotadas dos seus próprios teleportais; pequenas ilhas móveis importadas dos oceanos de Aliança-Maui: lanchas desportivas e submersíveis pré-Hégira; um sortido de VEM náuticos trabalhados à mão, de Vetor Renascença; e alguns iates contemporâneos de omnitransporte, os seus contornos ocultos pelas superfícies ovóides refletoras e lisas dos campos de contenção.

Os convidados que desciam dessas embarcações não eram menos extravagantes e impressionantes do que os seus veículos: os estilos pessoais iam desde o traje de noite conservador pré-Hégira, em corpos que obviamente nunca tinham sido tocados por tratamentos Poulsen, à mais recente alta-costura de TC² sobre silhuetas moldadas pelos ARNistas mais famosos da Rede. Segui então caminho, detendo-me junto de uma mesa comprida apenas tempo suficiente para encher o prato de rosbife, salada, filete de lula do céu, caril de Parvati e pão acabado de fazer.

A luz baixa do final da tarde dera já lugar ao crepúsculo, e as estrelas começavam a espreitar quando encontrei um sítio para me sentar, perto dos jardins. As luzes da cidade próxima e do Complexo Administrativo tinham sido reduzidas para vermos a apresentação da armada, e o céu noturno de Tau Ceti há séculos que não se via tão límpido.

Uma mulher ali perto olhou para mim e sorriu.

— Estou certa de que já nos conhecemos.

Devolvi o sorriso, certo de que não a conhecia. Era muito atraente, talvez com o dobro da minha idade, finais dos cinquenta anos padrão, mas aparentava ser mais jovem do que os meus vinte e seis, graças ao dinheiro e a Poulsen. A sua pele era tão pálida que parecia quase translúcida. Tinha o cabelo arranjado numa trança elevada. Os seios, que o vestido diáfano revelava mais do que ocultava, eram perfeitos. Os olhos, cruéis.

— Talvez — disse-lhe —, ainda que me pareça improvável. O meu nome é Joseph Severn.

— Claro — disse ela. — É um artista!

Eu não era um artista. Era... fora... um poeta. Mas a identidade de Severn, que habitava desde a morte e nascimento da minha *persona* real, havia um ano, indicava que eu era um artista. Estava no meu ficheiro da Pambleia.

— Lembrei-me! — riu-se a mulher. Mentia. Usara os seus caros implantes cognitores para aceder à esfera de dados.

Eu não precisava de aceder... uma palavra desasada e redundante que eu desprezava, apesar da sua antiguidade. Fechei mentalmente os olhos e estava *dentro* da esfera de dados, ultrapassando facilmente as barreiras oficiais da Pambleia, infiltrando-me nas ondas de dados à superfície e seguindo o fio brilhante do umbilical de acesso dela até às profundezas sombrias da torrente de informação «segura».

— Chamo-me Diana Philomel — disse ela. — O meu marido é administrador de transportes setorial em Sol Draconi Septem.

Anuí com um aceno de cabeça e apertei a mão que me estendia. Ela não dissera nada sobre o facto de o marido ter sido o cabecilha do sindicato de limpa-mofos em Portas do Céu antes de o patrocínio político o ter promovido para Sol Draconi... nem que o nome dela fora, anteriormente, Dinee Teats, ex-trabalhadora de bordel e tasqueira para traficantes de cilindros pulmonares nos Ermos de Midsump... nem que fora presa duas vezes por abuso de Flashback, a segunda delas tendo ferido com gravidade um médico de uma casa de reinserção... nem que envenenara o meio-irmão quando tinha nove anos, depois de ele ter ameaçado contar ao padrasto que ela andava envolvida com um mineiro de Lodaçais chamado...

— Muito gosto, H. Philomel — disse eu. A mão dela estava quente. Prolongou o aperto um instante mais do que o normal.

— Não é empolgante? — sussurrou.

— O quê?

Ela fez um gesto largo que incluía a noite, os lumiglobos que estavam a acender-se, os jardins e as pessoas.

— Oh, a festa, a guerra, *tudo* — disse.

Sorri, acenei afirmativamente e provei o rosbife. Estava mal passado e era muito bom, mas notava-se o toque salgado das cubas de clones de Lusus. A lula parecia autêntica. Tinham passado empregados a oferecer champanhe e provei o meu. Era inferior. Vinho, uísque e café de qualidade eram as três mercadorias tornadas insubstituíveis após a morte da Velha Terra.

— Acha que a guerra é necessária? — perguntei.

— Pode ter a certeza de que é necessária. — Diana Philomel abriu a boca, mas foi o marido que respondeu. Aproximara-se por trás e sentou-se no tronco falso onde estávamos a comer. Era um homem grande, quase meio metro mais alto do que eu. Por outro lado, eu sou baixo. A minha memória diz-me que escrevi, outrora, um verso troçando de mim mesmo: «Senhor John Keats, de metro e meio», embora tenha na realidade um metro e cinquenta e quatro: ligeiramente baixo na época em que Napoleão e Wellington viveram e a altura média dos homens era um metro e sessenta e cinco, ridiculamente baixo agora que os homens de mundos com gravidade média vão de mais de um metro

e oitenta a cerca de dois metros e dez. Obviamente, eu não possuía a musculatura ou estrutura que me permitissem alegar vir de um mundo de gravidade elevada, portanto aos olhos de todos era simplesmente baixo. (Tentei relatar os meus pensamentos no sistema métrico e não nas unidades de medida em que penso... de todos os desafios mentais desde o meu renascimento na Rede, pensar no sistema métrico tem sido, de longe, o mais difícil. Por vezes, recuso-me sequer a tentar.)

— Porque é que a guerra é necessária? — perguntei a Hermund Philomel, o marido de Diana.

— Porque eles estão a *pedi-las*, raios! — rosnou o grande homem. Era um daqueles tipos que range os dentes e flete os músculos das faces. Não tinha praticamente pescoço e possuía uma barba subcutânea que, obviamente, desafiava depilatório, lâmina e máquina de barbear. As suas mãos eram quase o dobro das minhas e muitas vezes mais fortes.

— Estou a ver — disse-lhe.

— Os malditos Repulsos estão a *pedi-las*, raios! — repetiu, reforçando os pontos altos da sua argumentação em meu benefício. — Foderam-nos em Bressia e agora estão a querer foder-nos em... no... como é que se chama?

— No sistema de Hyperion — disse a mulher dele, sem afastar os olhos dos meus.

— Pois — respondeu o seu dono e senhor —, no sistema de Hyperion. Quiseram foder-nos, e agora temos de lá ir e mostrar-lhes que a Hegemonia não tolera tal coisa. Percebeu?

A memória disse-me que, em rapaz, eu fora enviado para a academia de John Clarke em Enfield e que havia lá uns quantos brutamontes de cérebro mirrado e punhos gigantes como este. Ao início, eu tentara evitá-los ou apaziguá-los. Depois de a minha mãe morrer, depois de o mundo mudar, perseguia-os com pedras nos meus pequenos punhos e levantava-me do chão para atacar de novo, mesmo depois de me terem deixado o nariz a sangrar e os dentes soltos com os seus golpes.

— Percebi — respondi, suavemente. Tinha o prato vazio. Levantei o copo com o resto do mau champanhe num brinde a Diana Philomel.

— Desenhe-me — disse ela.

— Desculpe?

— Desenhe-me, H. Severn. É um artista.

— Pintor — corriji, com um gesto de impotência da mão vazia. — Infelizmente, não tenho estilete.

Diana Philomel enfiou a mão no bolso da túnica do marido e deu-me uma caneta de luz.

— Desenhe-me. Por favor.

Desenhei-a. O retrato ganhou forma no ar entre nós, as linhas subindo e descendo e dobrando-se sobre si próprias como filamentos de néon numa escultura de arame. Uma pequena multidão reuniu-se a assistir. Quando terminei, soou um aplauso discreto. O desenho não era mau. Captava a curva longa e voluptuosa do pescoço da mulher, a trança elevada, as maçãs do rosto proeminentes... até mesmo o leve brilho ambíguo do seu olhar. Era o melhor que conseguia fazer, depois de a medicação de ARN e as aulas me terem preparado para a *persona*. O verdadeiro Joseph Severn conseguia fazer melhor... fizera bem melhor. Lembro-me de ele estar a desenhar-me enquanto eu jazia, moribundo.

H. Diana Philomel sorriu aprovadamente, radiante. H. Hermund Philomel fulminou-me com o olhar.

Ergueu-se então um grito.

— Ali estão eles!

A multidão murmurou, soltou exclamações abafadas e silenciou-se. Os lumiglobos e as luzes do jardim diminuíram e apagaram-se. Milhares de convidados ergueram os olhos para os céus. Eu apaguei o desenho e voltei a enfiar a caneta de luz na túnica de Hermund.

— É a armada — disse um cavalheiro mais velho, muito distinto, vestido com o uniforme negro de cerimónia da FORÇA. Levantou a bebida para indicar algo à sua jovem companheira. — Acabaram de abrir o portal. Primeiro passarão os batedores, depois a escolta das naves-tocha.

O teleportal militar da FORÇA não era visível de onde nos encontrávamos; mesmo no espaço, imagino que não seria mais do que uma aberração retangular no campo estelar. Mas os rastros de fusão das naves batedoras eram sem dúvida visíveis — primeiro como uma série de pirilampos ou diáfanos radiantes, depois como cometas incandescentes, ao ligarem as propulsões principais e atravessarem a zona de tráfego cislunar do sistema de Tau Ceti. Ouviu-se mais uma exclamação coletiva quando as naves-tocha apareceram no teleportal, os rastros de

fogo cem vezes mais longos do que os das naves batedoras. O céu noturno de TC² foi rasgado do zénite ao horizonte por faixas douradas avermelhadas.

Os aplausos iniciaram-se algures e, segundos depois, os campos e relvados e jardins formais do Parque dos Cervos da Casa do Governo encheram-se de uma ovação estrondosa e gritos de entusiasmo, conforme a multidão bem vestida, de bilionários e autoridades estatais e membros de casas nobres de uma centena de mundos, se esquecia de tudo, exceto de um jingoísmo e uma sede de guerra despertada após mais de um século semiadormecida.

Eu não aplaudi. Ignorado pelos que me rodeavam, terminei o meu brinde — não à Dama Philomel, mas à estupidez duradoura da minha raça — e emborquei o resto do champanhe. Já perdera o gás.

Acima de nós, as naves mais importantes da flotilha tinham feito a translação para o interior do sistema. Eu sabia, por um brevíssimo toque na esfera de dados — cuja superfície estava agora agitada por vagas de informação até se assemelhar a um mar encrespado — que a linha principal da armada da FORÇA:espacial consistia em mais de cem giro-naves capitais: transportadores de ataque de um preto-mate, que pareciam lanças arremessadas, com os braços de lançamento recolhidos; naves de comando Três-C, tão belas e desajeitadas como meteoros de cristal negro; contratorpedeiros espaciais bulbiformes a fazer lembrar as naves-tochas ampliadas que de facto eram; patrulheiros de defesa de perímetro, mais energia do que matéria, com os escudos de contenção enormes e configurados para reflexão total — espelhos brilhantes que refletiam Tau Ceti e as centenas de rastos de fogo à sua volta; cruzadores velozes, que se moviam como tubarões entre os cardumes de naves mais lentas; transportes de tropas pesados com milhares de FORÇA:fuzileiros nos seus porões de gravidade zero; e dezenas de naves de apoio: fragatas, caças de ataque rápido, torpedeiros ALR, patrulheiros transmissores de hiperlinha, e as próprias naves-ponte de teleporte, dodecaedros colossais com matrizes de antenas e sondas dignas de contos de fadas.

Em torno da frota, guardados a distância segura pelo controlo de tráfego, esvoaçavam os iates e veleiros solares e naves privadas do interior do sistema, as suas velas a captarem o sol e a refletirem a glória da armada.

Os convidados na Casa do Governo aplaudiram e deram vivas. O cavalheiro com a farda negra da FORÇA chorava silenciosamente. Nas imediações, câmaras ocultas e geradores de imagens de banda larga levavam o momento a todos os mundos na Rede e — por hiperlinha — a dezenas de mundos para além dela.

Abanei a cabeça e continuei sentado.

— H. Severn? — Uma segurança aproximara-se de mim.

— Sim?

Ela indicou com a cabeça a mansão executiva.

— A diretora-executiva Gladstone vai recebê-lo agora.